

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Gabriel Talian da Silva

**Construção, movimento e registro:
autoformação através da produção audiovisual**

Porto Alegre

2021

Gabriel Talian da Silva

Trabalho de conclusão de curso:

Construção, movimento e registro:
autoformação através da produção audiovisual

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Aline Nunes da Rosa

Banca avaliadora:

Prof^a. Dr^a. Rosana Aparecida Fernandes

Prof. Dr. Celso Vitelli

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Gabriel Talian da
Construção, movimento e registro: autoformação
através da produção audiovisual / Gabriel Talian da
Silva. -- 2021.
37 f.
Orientadora: Aline Nunes da Rosa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2021.

1. Adolescência. 2. Audiovisual. 3. Ensino de Artes
Visuais. 4. Estágio Curricular Supervisionado. I.
Rosa, Aline Nunes da, orient. II. Título.

RESUMO

O presente trabalho resulta de um projeto de arte audiovisual para o Ensino Médio durante a graduação de licenciatura em artes visuais. O processo aqui registrado entre uma proposição de cinema na sala de aula e uma adaptação para o estágio de docência no formato remoto estabelece a intenção primeira de explorar a experimentação fílmica com adolescentes. Considerando o amplo acesso recente a conteúdos audiovisuais diversos por meio de mídias digitais, trago neste trabalho de conclusão descrições das etapas de um pequeno projeto de ensino de cinema experimental. Apresento também relatos e impressões a respeito da execução real da proposta através de uma tutoria do Estágio Curricular Supervisionado de etapa três, modalidade adaptada em razão dos efeitos sociais da pandemia de COVID-19. Com isso, contextualizo o processo de desenvolvimento fílmico na escola, trazendo aspectos formativos de estudantes na fase da adolescência.

Palavras-chave: Adolescência - Audiovisual - Ensino de Artes Visuais - Estágio Curricular Supervisionado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
PONTO DE PARTIDA.....	06
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	07
INTENÇÕES E EXPECTATIVAS.....	07
JUSTIFICATIVA.....	08
ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
EMBASAMENTO TEÓRICO.....	15
PROPOSTA DE ESTÁGIO III - TUTORIA EM ARTES VISUAIS.....	18
RELATOS DA TUTORIA EM AUDIOVISUAL.....	19
OBSERVAÇÕES POSTERIORES À TUTORIA.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
ANEXOS: REFERENCIAIS ARTÍSTICOS.....	30
ANEXO: CRONOGRAMA DE ESTÁGIO III.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

INTRODUÇÃO

Considero que originar uma produção artística é criar, é construir. Ao estimular isso na escola, os primeiros contatos de jovens estudantes por meio de propostas produtoras possibilitam tal concepção de desenvolver criações de arte. Construir algo passa a contribuir para a construção de si própria/o.

Antes de qualquer outra coisa, penso que o movimento de um trabalho de arte está totalmente ligado à dinâmica correspondente de quem move sua própria consciência, seu próprio desejo. Desenvolver certas práticas de cunho artístico gera uma sequência de ações, algo que move o pensamento criador de alguém. Logo, quem cria deve mover-se para construir. Quanto a esse fenômeno, é importante destacar o foco para o movimento. Gestos, posturas, posições em deslocamento, quando em contato com algum elemento físico ou espacial, ativam a mobilidade do processo construtor.

O que busca-se considerar com o trabalho vigente é uma contribuição para as ações transformadoras de cada indivíduo conforme a linguagem artística permite fluir. A formação de cada adolescente que vier a entrar em contato com esse projeto irá perpassar pelos fenômenos que movimentam a mesma. Já que o cinema é movimento, arte e vida se movendo, acredito que essa mídia seja uma das bases para dimensionar a realização de tal proposta.

Toda a evolução de um ato criador contempla fases processuais objetivas, imagino eu. Após construir e movimentar o processo respectivo, a pessoa que assume a atividade pode ir planejando a forma de exposição, de apresentação da mesma. Pensa-se no meio pelo qual irá ser armazenado o conjunto de conteúdos e informações que sua obra constitui. Eis que se alcança o estágio em questão: o registro.

Inúmeros métodos, veículos e formatos servem de recurso para registrar um trabalho artístico, para captar seus desdobramentos sensoriais e serem reproduzidos posteriormente. Com esses paralelos contextualizadores, trago a ideia do trabalho e sua gravação simultânea, visando guardar cada passo executado (seja ele uma etapa do processo, seja um movimento de dança ou ainda cada descoberta e conquista pessoal) de quem está a produzir uma obra. Ao transpor esses levantamentos e permeando o ambiente escolar - mais precisamente o Ensino Médio -, considero relevante trazer proposições diversas e práticas que potencializam a criação de adolescentes por meio da produção audiovisual.

PONTO DE PARTIDA

Para início dos trabalhos, considerando o processo de produção de qualquer projeto em qualquer âmbito, parto da construção como tema. Ainda que esse conceito

esteja relacionado a uma prática manual, com estrutura física e/ou palpável, desenvolvida através de etapas organizadas estruturalmente, como o próprio ato criador de uma obra artística, refiro-me, contudo, ao processo de construir algo também no campo subjetivo, vinculado ao sujeito que constroi. Planejando organizar uma proposição significativa, me aproprio do conceito em questão para desenvolver projetos que construam criações e suas/seus criadoras/es de forma complementar por meio da linguagem audiovisual.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Acredito que um dos espaços destinados para se aprender conhecimentos fundamentais para nossa formação é a sala de aula. Alguns dos locais adequados para se contemplar experimentos de produção artística são o museu ou alguma outra instituição desse gênero. Um ambiente geralmente estruturado para se absorver informações narrativas através da audição e da visão é o cinema - mesmo que seja um lugar alternativo adaptado para isso. A multiplicidade da escola, porém, é a de tornar possível a coexistência de todos esses setores dentro de si mesma.

Seja vídeo, seja cinema, defendo essa proposta principal de trabalhar com técnicas audiovisuais. Do início ao fim, da pré à pós-produção, do assistir ao projetar, da busca ao compartilhamento: a linguagem em questão está constantemente próxima ao público-alvo desse projeto.

INTENÇÕES E EXPECTATIVAS

O ato criador de uma produção audiovisual segue etapas ordenadas. Além de organizar a estrutura de seu projeto, a/o realizador(a) deve articular sua execução do início ao fim. Proponho apresentar referências audiovisuais artísticas a estudantes de ensino médio da rede pública de ensino, compartilhar noções de escrita de narrativas e orientar a produção técnica de filmes em curta-metragem. Sessões de exibição com debate crítico e subjetivo irão finalizar essa proposição. Cada momento dos projetos, portanto, irá complementar a autoformação da turma.

Um objetivo fundamental dessa proposição de arte é acompanhar, de modo presencial ou remoto, cada movimento de quem está produzindo um filme - por mais curta que venha a ser sua duração. Para levar adiante esse processo, é necessário definir seu modo de inserir e de apropriar cada recurso e conteúdo coletado. Esclarecer noções de representação através de uma obra audiovisual é prioridade enquanto se está distribuindo cada item no planejamento. Um importante ponto da execução é o filtro dessa carga de informações, ao estabelecer parâmetros comparativos e classificatórios entre elas, tanto na etapa de seleção referencial, quanto no instante de processar o que se absorveu dos filmes finais.

JUSTIFICATIVA

Durante a adolescência, creio que o sujeito evolua, se desenvolva; se modifique, se adapte; se aproprie, se identifique. O movimento desse processo multiplica os significados através do registro fílmico, potencializando a construção de cada indivíduo e de sua própria criação.

O advento criador, por sua vez, surge para cada jovem estudante a partir de um conjunto de recursos que o atinge, seja de caráter referencial ou material. Logo, considero que a criação pessoal desse sujeito dialoga com sua intenção de se expressar de acordo com suas inquietações particulares, específicas e contextualizadas. Todo esse fluxo acaba, portanto, se desenrolando a partir de um misto de conteúdos previamente absorvidos, independente do vínculo escolar.

Os estímulos, por sua vez, são eficazes quando se parte de noções pré-estabelecidas por esse público, do que já sabem sobre arte, ou do que já perceberam e sentiram de forma artística: seus referenciais. O conjunto de referências, portanto, passa a definir suas preferências expressivas, criando seus estilos e formando sua percepção. Por isso, a criação imaginária se consolida através da construção de um trabalho de arte.

Penso que uma cadeia de movimentos correspondente a uma obra que está surgindo contribui para a análise das próprias ações corporais de quem a executa. Além de preencher o ambiente onde ocorre a construção, o sujeito também altera-se ao longo do tempo que dedica ao seu próprio projeto. Essa constatação aplica-se ao contexto do ensino de artes, mesmo que em menor escala, como em um recorte temporal.

Ao movimentar-se para criar, imagino que a/o estudante realiza uma série de articulações que, não apenas configuram o aspecto aparente de sua obra, como também apresenta sua maneira particular de se situar, de se impor e de se expressar. Pontuando essa especificação, vale complementar que o que é movido por essa/e sujeita/o, além da sua própria obra, acaba sendo ela/e mesma/o.

O período da adolescência destaca de forma vibrante a absorção de referências culturais, considerando o contexto recente de navegação via *internet*. Mesmo com a inserção digital aqui referida, o contato midiático frequente não é exclusivo de agora. Vincent Lanier (1972) abordava esse ponto em outra época não muito distante, dizendo que “[a experiência estética visual] já é desfrutada pelo indivíduo antes que ele entre para a escola. Portanto, não a introduzimos para nossos alunos, mas a incrementamos a partir de algo que já está lá” (*apud* Barbosa e Cunha 2010, p. 335). Justamente ao incrementar os expoentes da cultura já acessados pelos estudantes cabe à proposta prática tornar a criação possível, de fato.

Ser adolescente imersa/o em meios de circulação de conteúdo de áudio e vídeo é algo que contribui para a autoformação, pois cada sujeita/o situa-se em dimensões que atualizam suas preferências, informam as tendências e sugerem estilos de comportamento. Assim como afirmam Fernandes e Garcia (2017), a partir de uma proposta de debate sobre cinema em uma escola, “estamos vivendo uma audiovisualização da cultura. As crianças e os jovens vivem, de forma cada vez mais intensa, uma relação com o conhecimento vinculada à imagem em seu processo de formação” (p. 386). O cinema como recurso que viabiliza o conhecimento no contexto escolar, portanto, aproxima ainda mais a realidade e a percepção particular do mundo com novas possibilidades de se constituir e se identificar como sujeita/o em processo formativo. A pessoa jovem passa a reconfigurar sua própria identidade a cada *frame* que avança do seu filme.

Percebo que a ideia de uma formação individual a partir do audiovisual muito se relaciona ao modo como as informações estéticas vêm sendo difundidas há décadas, sobretudo hoje, através da imagem e do som pela televisão, computador e aparelho celular. Para isso acontecer, o cinema foi a grande iniciação do que hoje conhecemos como criação artística do registro do movimento, pensando também na apropriação e na simulação de realidade - algo que a arte em geral muito provoca em inúmeras obras ao longo dos milênios. Como introduz Michael Rush em um de seus livros, “tanto o cinema popular quanto o de vanguarda do início do século [XX] viriam a ter um profundo impacto sobre a arte dos meios de comunicação de massa em meados do século” (2006, p. 09). Não apenas a forma do público perceber a vida e a sociedade representadas na grande tela foi algo inovador. A intenção de refletir traços sociais que provocassem identificação a quem assistisse, a partir do olhar de quem está por trás das câmeras, também tornava-se uma nova modalidade de leitura da realidade. Se em 1895 os irmãos Auguste e Louis Lumière, por exemplo, não tivessem filmado as pessoas saindo do trabalho na fábrica em Lyon, provavelmente não teríamos a mesma percepção do cotidiano que temos hoje com o audiovisual. Gerar outras narrativas conforme o que se conhece – e como cada um e cada uma se conhece em seu contexto espacial – torna-se uma realização dinâmica ao se experimentar um registro de filmagem.

Construir sua própria expressão artística ao movimentar seus referenciais e recursos disponíveis transforma a identidade representativa da/o aluna/o. Registrar, portanto, é permitir que o que foi realizado situe e comprove a trajetória individual de cada autor(a). Acredito que construir e movimentar são processos essenciais para se registrar algo em desenvolvimento, não apenas para sua realização. Todo esse mecanismo de ações remete diretamente ao ofício, tornando a sala de aula em uma oficina. Pensando em maior escala e buscando adaptar o ambiente escolar para uma fábrica de filmes, trago aqui não apenas uma obra manual mais simples. O interesse em questão é o de produzir projetos em etapas mais elaboradas, uma série de fases que aprofundem o ato criador artístico, assim como a indústria cinematográfica tem

feito no último século. Essa comparação me remete a Martins (2013), quando a mesma constata:

De grande, médio ou pequeno porte, centrais ou periféricas, associadas a potentes redes de distribuição de filmes, ou isoladas, essas fábricas de imagens sonoras em movimento produzem signos que articulam narrativas, nas quais se delineiam os vínculos de pertencimento seja daqueles que as realizam, seja do público, nas salas de cinema, ou nos ambientes domésticos, no momento em que interagem com essas histórias, incorporando-as ao seu imaginário (p. 43).

O trabalho com produções cinematográficas nesse projeto visa justamente essa imersão na dimensão audiovisual. Mais que mediar uma mera proposta de exibição e transmissão de conhecimento por meio de vídeos, me proponho a instigar que a turma se interesse pela prática fílmica de forma artística e expressiva. Assim como destacam Pires e Silva, “os filmes cinematográficos, quando utilizados no espaço escolar, perdem o caráter meramente ilustrativo e/ou documental” (2014, p. 614). Além de considerar as representações de realidade por meio da ficção, essa abordagem permite que experiências sensoriais e experimentações práticas aconteçam na escola.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando uma direção para esse trabalho que visa concluir minha trajetória acadêmica, proponho uma abordagem do cinema no ensino médio através da produção de vídeos individuais. Como anteriormente já citado em outra seção desse documento, pretendo levar as mídias audiovisuais ao contexto escolar como uma linguagem de expressão que possa acompanhar o processo de configuração pessoal e emancipação cultural de adolescentes.

Jovens dentre a faixa etária equivalente ao ensino médio passam por um período transitório em diversos aspectos, tanto particulares, quanto em um nível coletivo. Trata-se de um trecho específico de suas trajetórias. A adolescência é uma cena selecionada com muitas camadas de percepção possível do filme de suas vidas, composta por uma grande quantidade de referências sociais e culturais. Esse recorte etário sobre o qual me debruço faz com que o indivíduo absorva, combine e expresse traços referenciais de sua realidade, atitude natural que configura suas características pessoais.

Um dos desejos mais pertinentes em meio a isso que foi levantado até então parte de um chamado à construção. Se me refiro ao cinema, passo a considerar sua estrutura de composição, algo que planifica sua organização por camadas. Essa

relação direta entre construir e estruturar um projeto persiste na ideia de operar módulos a serem encaixados, níveis a serem sobrepostos até consolidar algo.

Dubois (2004, p. 76) aponta a respeito da sequência unitária de planos cinematográficos, pensando o processo da montagem como a concretização de uma edificação:

O filme se elabora tijolo por tijolo (é assim que ele é pensado, quando se passa do roteiro à decupagem). Encadear imagens. Cada bloco em que consiste um plano se acrescenta a outro bloco-plano, até que se construa o bloco-filme, sólido como rocha, cimentado como um muro, funcionando como um todo.

Curioso refletir a partir dessa metáfora que Dubois faz com a prática fílmica. O ato criador de uma obra audiovisual permeia, de fato, uma noção construtiva do registro de imagens em movimento. Cada conjunto de tijolos, planos e representações visuais compreende o processo de construir um conjunto maior composto por menores. Essa comparação vem a descrever o método previsto para se executar meu projeto de ensino.

Ao entrar em contato com a turma, pretendo inserir questões específicas sobre o universo cinematográfico em uma apresentação inicial. Dado esse momento, como uma etapa de triagem, uma coleta de informações, posso dali por diante organizar meus passos seguintes. Repensar minha proposta, abrindo-a para eventuais adaptações, é algo a ser considerado, visto que essa realização encontra-se pouco provável no atual período de distanciamento social. Apesar dessa incerteza, mantenho o desejo de executar o planejamento original, com as ações principais e referenciais reservados para o trabalho prático.

Para dar continuidade, resolvo disponibilizar aos poucos exemplos de produções de videoarte, registro documental, curta-metragem de ficção, dentre outras mídias audiovisuais para alunas/os adolescentes. Sessões introdutórias para ambientá-las/los no meio cinematográfico são, sem dúvida, de grande importância. Indispensável frisar que a prioridade dessa proposição não é assistir e analisar filmes almejando aprender com suas temáticas. Barbosa e Cunha recordam o alerta de Larrosa (1996) quanto ao fornecimento de informações que visam transmitir algum saber, pois “informação não é sinônimo de conhecimento ou de aprendizagem. Há conhecimento quando há experiência; quando algo acontece ao sujeito-aluno” (2010, p 339). Mesmo com esse contato inicial, a realização de momentos que causem experiências sensoriais são essenciais para essa ação, não impedindo que o aprendizado ocorra involuntariamente.

Além de elementos e signos de interesse das suas faixas etárias, também planejo fornecer trabalhos distantes de suas realidades - talvez inéditos. O que acontece agora é algo de forte valia, pois alguns fenômenos de representação

imagética tendem a ser desconstruídos, como a estereotipação e a mitificação de conceitos culturais - considerando, por exemplo, filmes produzidos pelos EUA e de ampla difusão internacional. O repertório visual da turma, portanto, se abre para novas interpretações ao identificar versões até então desconhecidas do cânone cinematográfico. Trazendo uma definição de imagens canônicas, Saliba (2008, p. 88) afirma que as mesmas são

Aquelas imagens padrão ligadas a conceitos-chave de nossa vida social e intelectual. Tais imagens constituem pontos de referência inconscientes, sendo, portanto, decisivas em seus efeitos subliminares de identificação coletiva. São imagens de tal forma incorporadas em nosso imaginário coletivo que as identificamos rapidamente. (*apud* Pires; Silva, 2014, p. 613).

O cânone imagético do cinema, portanto, compreende identificações de tipos sociais ao longo dos anos, padronizando formas repetidas de se representar uma etnia, uma classe social ou uma profissão. Comprovar o esclarecimento de que o cinema também difunde imagens não canônicas exibindo materiais pouco divulgados dentre o meio escolar é o caminho para tal desconstrução. Exibições diferentes, absorções mais originais: a/o aluno repensa seu acervo imagético mental e desconstrói também sua própria transmissão iconográfica ao falar, escrever e se expressar artisticamente. A partir desse ponto, torna-se possível que elas/es iniciem espontaneamente seus desenvolvimentos pessoais através da identificação representativa, ou seja, suas construções particulares práticas.

Em seguida, os primeiros exercícios de estruturação de projetos de áudio e vídeo passam a ser propostos, apresentando noções básicas de roteiro e organização para produzir um filme. Essa é a etapa em que cada adolescente projeta suas ideias, imagens mentais, possibilidades imaginárias no papel. Preparar aulas de orientação de narrativas vem a ser a ação em questão: no formato de oficinas de escrita criativa e conceitualização ficcional, os encontros dessa fase irão ser planejados. Nesse instante elas/elas se permitem externalizar seus desejos de representar suas histórias e poder se deixar entender por meio delas.

Para que os estímulos à escrita surjam, seria solicitado um planejamento básico para vídeos curtos (que são as produções finais pretendidas como produto final desse projeto). Quanto mais próximos forem esses formatos dos trabalhos assistidos antes disso pelas/os estudantes, mais diversificada se tornaria essa exemplificação. Assim, espera-se que as/os adolescentes sintam-se à vontade para contar suas histórias. Nas palavras de Martins,

Ao experimentar articular suas próprias histórias, o fazedor modifica os modos como apreende as histórias de outrém, ampliando sua capacidade sensível para compreender os elementos constituidores da narrativa fílmica (2017, p. 14).

Justamente ao apropriar-se de histórias alheias ou de maneiras distintas de contar a sua, o indivíduo que exercita essa abordagem orienta-se para exteriorizar sua sensibilidade poética por meio da narrativa do filme. O aprendizado, por esse viés, se dá pela correspondência entre o “meu” e o “da/o outra/o”, fazendo com que o reconhecimento interpessoal e de criação artística conduza os passos seguintes da produção em andamento.

Assim que a turma já tiver cumprido a parte anterior, tendo seus projetos individuais estruturados, sem necessariamente estarem finalizados, se aproxima a hora de experimentar o uso da câmera para captura de vídeo. Além de providenciar o contato com câmeras fotográficas e/ou filmadoras, a intenção dessa atividade é instigar que utilizem seus próprios aparelhos celulares com câmera já embutida. Permitir que todas/os as/os alunas/os possam operar o instrumento “câmera” é a principal ação desse ponto da proposição geral. Sem a obrigatoriedade de iniciar os registros oficiais para os trabalhos de cada estudante, por ora esse primeiro contato prático serve para ambientá-las/os com as técnicas de filmagem.

A atitude recém descrita cabe como uma abertura para outros meios de se enxergar o que existe à volta dos membros da turma, capturando imagens que se movem tanto de si mesmas/os, quanto de quem e do que está ao alcance da lente. A ideia de ensaio fílmico sintetiza um pouco o que passa a acontecer neste momento, bem como um propósito de algo mais experimental. Isso remete ao modo como Feldman (2009:1) aborda essa prática mais desprendida de critérios técnicos formais, ao explicar que “o ensaio audiovisual atua na ativação da experiência sensível, estética e, evidentemente, mediada, mobilizando as passagens entre eu e o mundo” (*apud* Martins e Satler, 2014, p. 141).

Tendo passado pelo contato inicial com a direção de câmera de um jeito menos preocupado com resultados mais precisos, damos sequência com a finalização dos projetos escritos e reservados anteriormente. Durante esse instante, as/os estudantes podem acrescentar ou suprimir conteúdo de seu roteiro, bem como alterar pontos previamente definidos. Essa possibilidade de adaptar o que já fora redigido faz com que as ideias para o filme de cada um(a) amadureça seus conceitos, ainda mais depois de manusear as câmeras e os celulares. Com as noções desenvolvidas após esse exercício, a turma identifica soluções de produção de um filme, percebendo outros caminhos por onde suas histórias irão percorrer. A adaptação e o amadurecimento relacionados a essa atitude também se manifestam no próprio processo pessoal de construção de si mesma/o.

Alcançamos, enfim, a hora de grande espera, talvez, por parte das/os estudantes: a direção de câmera, de fato. Tendo seus roteiros definidos e noções de condução fílmica previamente experimentadas, a turma teria encontros mediados para captura dos vídeos. Retomando as referências absorvidas inicialmente, vale registrar as mais variadas ações: registros diários e/ou documentais, coreografias de dança, performances teatrais ou musicais, críticas sociais ou manifestações sócio-

políticas, etc. Todos os desejos e maneiras de interpretar o mundo ao redor dessas/es adolescentes vêm a ser de grande fundamento ao longo dessa atividade, pois assim esse grupo passa a apropriar de forma audiovisual seus próprios discursos, comunicando o público posteriormente.

Distribuídos por ambientes múltiplos da escola e de fora da sala de aula, os trabalhos audiovisuais de cada um(a) viriam a ser executados. Com as gravações realizadas simultaneamente e conforme a disponibilidade de cada estudante, o ideal é organizá-las/los em pequenos grupos ou trios para que desempenhem ambas funções durante essa etapa: filmar e ser filmada/o. Passar pelos dois lados da lente - por trás e por frente dela - é o objetivo nesse instante. A intenção agora é evidenciar que a identidade de cada um(a) não se desenvolve isoladamente. Creio que muitos aspectos da formação pessoal se dão através de intervenções alheias a si, ocorrendo de maneira coletiva.

Encaminhando essa grande proposição para seus últimos níveis de produção, retornamos à sala de aula para finalizar o projeto de áudio e vídeo por meio da montagem. Para os registros com câmera de celular, que supostamente irão compor a maior parte dos trabalhos, sugiro que instalem ou atualizem aplicativos de simples edição, visando cortar e/ou juntar cenas e inserir efeitos básicos de movimento e transição em seus filmes de curta-metragem (de 3 a 5 mins). Para os registros em câmera filmadora ou de quem não utilizou celular para captura, pretende-se disponibilizar computadores portáteis (*notebooks*) que possuam algum programa instalado para o mesmo fim. A proposta de mediação permanece aqui, possibilitando o auxílio para com os aplicativos e programas de edição, assim como orientando que as/os alunas/os com maior domínio sobre essa técnica ajudem quem não saiba muito.

Concluir este longo trajeto culmina em uma das partes mais aguardadas após um considerável período de produção: a exibição dos vídeos em curta-metragem. Promovendo uma aula ou encontro para projetar os pequenos filmes da turma, estimula-se que todas/os as/os estudantes compareçam à sessão para assistir aos trabalhos individuais de cada um(a). A espera pelo resultado final compreende muitas reações possíveis: surpresas, fascínios e até mesmo descontentamento. Vale perceber aqui a oportunidade que cada estudante teria para se expressar, deixando que a câmera fale por si, mostrando uma verdade de cada jovem e também seu jeito peculiar de encarar o mundo.

Algo que atribuiria ainda mais valor às obras finais da turma seria o estímulo ao compartilhamento através de agregadores desse conteúdo e páginas virtuais, como o *YouTube* e a modalidade *IGTV* do *Instagram*. Considerando o frequente acesso do público adolescente a essas plataformas, postagens com os trabalhos de cada um permitiria que outras pessoas tivessem contato com esse tipo de mídia. Iria do desejo e do interesse de cada aluna e aluno viabilizar essa repercussão. Visto ser indispensável a possibilidade do compartilhamento digital das produções da turma, concordo com Alice Martins ao reconhecer que

Os recursos oferecidos pela rede mundial de computadores têm aberto novas possibilidades de disponibilização e interação com o público, gerando novas motivações tanto para quem produz quanto para quem consome tais filmes. (2013, p. 45).

Após uma expansão no alcance dos vídeos, pode haver um debate para desdobrar maiores potencialidades dessa proposição, com análises, comentários, críticas, elogios, reclamações e observações que permitam a cada adolescente refletir sobre o que experimentou ao longo de todo o seu percurso. Não só falar a respeito daquilo que cada estudante exibiu e assistiu ao final, mas também refletir sobre o quanto toda a proposição foi significativa a cada um(a) deles/as e para suas formações pessoais. Xavier (2008) pontua a importância de discutir o que fora assistido:

A dimensão educativa, entendida no sentido da formação (valores, visão de mundo, conhecimento, ampliação de repertório) permeia toda a experiência do cinema e está, ainda que de modo implícito, presente nos debates sobre os filmes. (*apud* Fernandes e Garcia, 2017, p. 396).

EMBASAMENTO TEÓRICO

A intenção que compreende todo esse projeto parte justamente de oportunizar situações nas quais as/os adolescentes possam experimentar maneiras de recontar as narrativas de suas vidas, explorando as versões mais autênticas de si próprias/os. Através de proposições fílmicas, pretendo incentivar a contextualização sócio-espacial tanto do coletivo da turma, quanto da particularidade de cada aluna/o. A apresentação de meios audiovisuais pode estimular que as/os estudantes encontrem sentido e representatividade em suas respectivas realidades.

Mais que estarmos inseridos em uma sociedade com predominância de culturas do olhar, passamos a desenvolver uma cosmologia que compreende tudo o que existe - ou o que pensamos existir - através de atribuições estéticas e representações visuais que comunicam as narrativas de nosso tempo. Contudo, para compreender o que a arte tem nos contado audiovisualmente é preciso trabalhar novos sentidos de percepção para isso, melhor ainda se for pela prática. Quanto a essa atualização, o crítico de cinema Stanley Kaufman (*apud* Rush, 2006, p. 12) observa que o diretor russo Sergei Eisenstein, ao dirigir *O Encouraçado Potemkin* (1925) “sentiu que uma nova sociedade significava um novo tipo de visão; que a maneira como as pessoas viam as coisas devia ser alterada; que era inadequado apresentar novo material a olhos antigos”.

Quando entramos em contato com a escola e demais ambientes de aprendizado de variadas técnicas e atividades, essa noção de compreensão visual se evidencia

intensamente. Além de ver, ler, assistir, admirar, consumir conteúdos com os olhos, aprendemos muito por meio de narrativas, sobretudo com o cinema. Maria da Conceição Francisca Pires e Sergio Luiz Pereira da Silva dizem que “a linguagem cinematográfica atua como um instrumento de representação social imaginária que aproxima o distante, a ponto de juntar valores diferentes dentro de um mesmo discurso” (2014, p. 611). As histórias que nos contam desde criança desdobram nossa capacidade de imaginar e de decidir que histórias queremos contar sobre nós mesmas/os.

Eis que o contexto escolar vem a possibilitar que paralelos sejam traçados entre a aprendizagem do cinema e a percepção de realidade, tanto de modo individual, quanto de forma coletiva. Além de ser um ato que desenvolve um exercício perceptivo, a experimentação artística pelo audiovisual favorece novas impressões sobre a própria instituição escolar. Em seu livro *Inevitavelmente cinema: política, cinema e mafuá* (2015), Cezar Migliorin afirma:

Olhar a escola a partir dos problemas cinematográficos, dos modos de filmar e pensar o real que o cinema traz, nos permite uma entrada especialmente rica na escola, estética e politicamente falando (p. 20).

Constatar que essa linguagem específica de registro confere à/ao aluna/o aberturas para outras narrativas de onde ela/e estuda e como ela/e vive passa a garantir à/ao professor(a) que o ensino de arte estabelece conexões genuínas entre conhecimento, cultura e consciência social. Quando se fala das problemáticas que o cinema aborda, se detecta diretamente questões reais e próximas representadas na tela - assim como documentários, cinebiografias ou ficções com eventos históricos ou situações verídicas como pano de fundo. Assim também durante os bastidores: cenários de guerras, manifestações sociais ou catástrofes ambientais trazem conflitos, tensões e procedimentos peculiares em relação ao ato de fazer um filme - sem falar que uma pandemia como palco para uma narrativa específica obriga realizadoras/es a pensar métodos totalmente autênticos para tais produções.

Uma vez dentro da escola, a possibilidade de proposições é múltipla - ainda mais se forem aquelas que convertem os diversos olhares ansiosos em novas visões de mundo, de seu próprio mundo. Essa conversão, essa ativação a partir do desafio fílmico, é muito potente como proposta pessoal de aprendizado em meio à turma. Martins e Satler afirmam que “o sujeito aprende a refletir sobre como aprende e poetiza por meio da sua realização audiovisual” (2014, p.146). Ao incorporar características a sua produção, a/o estudante está diretamente convidada/o a pensar sobre seu próprio processo, considerando suas dúvidas, imprevistos, descobertas e êxitos. A ideia de construção tem justamente esse sentido: congrega elementos familiares do seu repertório com referenciais externos, ampliando suas perspectivas de compreensão do entorno e do seu próprio interior. Refletir, portanto, vem a ser uma ação importante para se aprender a técnica e para o autoconhecimento.

Identificar-se com outros contextos já captados e exibidos está presente por meio da arte cinematográfica ao longo de décadas. Alice Martins traz isso em um de seus artigos sobre a aprendizagem através do cinema, declarando que “o cinema explicita sua natureza capaz de tomar parte fundante na configuração de experiências coletivas bem como na configuração das identidades individuais” (2017, p.15). Levar as mídias audiovisuais para o ambiente escolar potencializaria a fundação dos sujeitos, configurando sua autoafirmação ao assumir suas narrativas pessoais.

Um dos principais artifícios para esse trabalho se daria pela abordagem do cinema, linguagem próxima à geração em questão, além de seus diversos desdobramentos (videoclipes, diários de vídeo, filmagem documental...). Não só apresentar o vídeo como o trabalho artístico a ser contemplado - a imagem estetizada filmicamente -, mas também compreender suas fases de idealização, produção e projeção tornam-se interesses presentes no referido projeto. Quanto a essa explanação, Philippe Dubois (2004, p. 73) manifesta-se:

Esta “estetização” do vídeo como imagem me parece no entanto ocultar sua outra face, quase nunca visível: a do vídeo como processo, puro dispositivo, sistema de circulação de uma informação qualquer, “meio de comunicação”, tudo isto independentemente do seu resultado visual e do conteúdo das mensagens que ele pode veicular.

A contextualização de todo esse trabalho se dá por meio do advento de geração e compartilhamento de conteúdo que as mídias digitais permitem. Hoje o acesso às tecnologias eletrônicas contempla a grande parte das pessoas pertencentes ao nosso sistema vigente de contatos, ainda que nem todo mundo tenha a vontade de explorar essa possibilidade. Ainda assim, ocasiões em que se dirige a atenção a um produto audiovisual, seja pelo entretenimento, desejo de se informar ou ainda como forma de memória, são reflexos da criação cinematográfica de épocas mais remotas. Alice Martins fala que “a possibilidade de contar histórias no cinema propicia pensar sua própria história, num exercício de aproximação inevitável entre a ficção e a vida” (2017, p. 10). Tudo o que vimos e vemos já foi registrado alguma vez - registros que, por sua vez, tenham se baseado em produções registradas anteriormente, e assim por diante. Se hoje Bacurau (2019) representa um recorte regional do Brasil recente, podemos traçar paralelos com o nordeste de Baile Perfumado (1996), voltando até Deus e o Diabo na terra do sol (1964) que apresenta a mesma realidade em outra época. Portanto, sempre cabem novas oportunidades para captar o que se vê e contar como cada um(a) se vê em meio ao seu próprio contexto.

Em um de seus artigos sobre cinema e educação, Francisca Pires e Pereira da Silva (2014, p. 612) atentam que, ao decifrar uma imagem produzida pelo cinema, é apresentado seu caráter representacional:

As imagens produzidas pelo cinema são imagens; não são verdades absolutas, embora se aproximem, através da apropriação de um sistema de significados próprios de uma determinada cultura, dos símbolos produzidos por esta mesma cultura.

Importante frisar essa atenção para com as escolhas representacionais, pois ao incluir tais amostras com aspectos simbólicos, o indivíduo segue a definir os seus respectivos traços de representatividade. Também a interação coletiva pode ser agregada pelo debate, pois ocorrem maneiras múltiplas e diversas de interpretar referenciais representativos desprendidos de uma leitura padronizada. Adriana Hoffmann Fernandes e Pedro Benjamin Garcia (2017) esclarecem esse conceito a respeito da formação da/do aluna/o através dos filmes:

Essa desautomatização da percepção, ampliação do repertório, recuperação da sensibilidade, trazendo novas formas de interagir com as imagens como fazendo parte da formação pessoal e social do sujeito, é o que aparentemente esses jovens parecem nos dizer que vivem nas práticas com o cinema na escola, nas quais a roda de leitura é somente uma delas (p. 389).

Contribuir para uma sensibilização artística das/os estudantes a partir de expoentes imagéticos alheios vem a ser um dos propósitos mais relevantes deste trabalho. Não só a análise da veracidade ficcional de cada imagem isolada é algo exclusivo a essa ideia: a orientação para se revelar a verdade autêntica contida na imagem produzida pela/o estudante contribui para que a/o mesma/o assuma sua linguagem expressiva própria.

Partindo de si mesma/o para refletir o mundo de forma particular, é possível realizar esse processo no meio escolar a partir do que as técnicas de cinema permitem. Cezar Migliorin afirma que “todo estudante é capaz de fazer cinema. [...] é capaz de atuar criativa e criticamente com a câmera; é capaz de receber e de inventar um mundo” (2015, p. 12). Tantas realidades e compreensões da sociedade da/o adolescente ganham diferentes planos ao serem abordadas em experimentações cinematográficas. Assim como os pioneiros dessa linguagem na França, passando por visionários nos EUA e Reino Unido, vanguardistas em países como Alemanha e Rússia e pensando no cinema contemporâneo de diversos países, é importante destacar que toda/o aquela/e que já realizou um filme criou leituras autênticas de mundos diversos. O registro viabilizado pela imaginação fílmica expande os horizontes dos indivíduos que estão em constante formação do seu próprio olhar.

PROPOSTA DE ESTÁGIO III - TUTORIA EM ARTES VISUAIS

Assim como o cinema é a arte do movimento em relação ao tempo, creio que o ensino de qualquer disciplina movimenta-se conforme um respectivo período

cronológico. Além da noção temporal, em condições normais de desenvolvimento, determinados fatores interferem no processo. Mas, repito, em condições normais, visto que as escolas tiveram que adaptar recentemente suas metodologias devido aos efeitos sociais da pandemia de COVID-19 - inclusive o meu projeto inicial teve de ser ajustado.

Ao longo do último ano, uma nova percepção de normalidade obrigou o sistema de ensino a 'rodar as sequências de seu roteiro sob planos diferentes'. Fazendo esse paralelo, trago agora uma contextualização do eixo simultâneo de Estágio Curricular Supervisionado de etapa três que venho realizando com a Prof^a Dorcas Weber durante esse semestre. Quanto à proposição prática de artes visuais, surgiram alternativas para compensar a ausência em sala de aula de maneira física. Uma delas foi a de executar atividades de ensino de artes com estudantes da faixa etária de ensino médio de forma digital através de uma espécie de tutoria. Considerando as possibilidades de ministrar aulas para estudantes ao mesmo tempo em que elas/es acompanhassem o cronograma de suas escolas, a tutoria surgiu como uma adaptação em menor período temporal para que nós, estagiárias/os, executássemos nossos projetos de ensino.

Tudo foi planejado para otimizar melhor o tempo e os recursos de correspondência disponíveis, inclusive minha própria metodologia registrada nesse documento. O que eu imaginava ser viável para uma realização de poucos meses, algo como um trimestre, teve de ser reduzido para um prazo de semanas - um mês e meio, sendo mais exato. Eis que eu modifico a intenção de abordar o cinema como linguagem principal para uma proposta de videoarte, algo mais relacionado aos movimentos artísticos da arte contemporânea do último século. Apesar da falta de contato presencial, o formato à distância contribui para trabalhar a arte audiovisual, principalmente quanto ao acesso, consumo e compartilhamento instantâneos digitalmente.

O que eu esperava que acontecesse de modo presencial na escola em ocasiões de interatividade e contato grupal teve de ser reconfigurado para encontros à distância. Mesmo sem presenciar a coletividade em execuções de trabalhos audiovisuais, o desejo de oportunizar situações para produzir pequenos filmes prosseguiu e consegui assumir esse compromisso. E foi por causa de algumas pessoas muito importantes para isso que a proposição pôde ser realizada: minhas três alunas voluntárias.

RELATOS DA TUTORIA EM AUDIOVISUAL

Os encontros aconteceram de modo remoto pela plataforma Google Meet, às segundas-feiras, a partir das 20h, com duração média de 70mins. A tutoria aconteceu com 6 encontros, 1 por semana.

A turma foi composta por 3 adolescentes convidadas de modo espontâneo por afinidade e sua participação foi de forma voluntária. Irei chamá-las de M., D. e H., entre 15 e 17 anos, de 3 cidades diferentes.

D. tem 16 anos, está no 2º ano do ensino médio e mora em Alvorada-RS. Violinista de uma orquestra em Porto Alegre-RS;

H. tem 17 anos, acabou de completar o 3º ano do ensino médio e mora em Pato Branco-PR. Pré-vestibulanda de medicina veterinária;

M. tem 15 anos, está no 2º ano do ensino médio e mora em Gravataí-RS. Aluna de um curso de maquiagem e design de sobrancelhas.

Encontro 1

08.03 – Introdução à videoarte + respostas do formulário.

Apresentação do material Antecedentes da Videoarte, mostrando invenções, eventos e produções audiovisuais importantes do fim do século XIX até a década de 1960. Durante a amostragem, as estudantes abriam seus microfones e faziam comentários.

Link para acesso à apresentação Antecedentes da Videoarte:

<https://docs.google.com/presentation/d/14ZMIK87qR628k1jMIZoAWAHbiYOD3ac4YFW-W-k6aBw/edit?usp=sharing>

Ao ver o slide sobre o filme *Viagem à Lua*, H. lembra do filme *A Invenção de Hugo Cabret* (2011), relacionando os filmes. Mais adiante, H. pergunta sobre os filmes de Charles Chaplin, como *Tempos Modernos* (1936), questionando se fazem parte do mesmo período de alguns filmes apresentados. Fala também do cinema produzido na Alemanha no início do século XX (Expressionismo Alemão);

Ao chegarmos ao ponto da produção de cinema nos EUA, sobretudo com a dita Era de Ouro de Hollywood, D. recorda a Crise de 1929 e como o país se reinventou culturalmente após esse período;

Sobre *Estudo de Locomoção Animal*, M. já sabia que havia esse registro do movimento do cavalo.

Comentários sobre as respostas do formulário respondido durante a semana anterior, Intro à Videoarte, antes do início dos encontros.

Link para acesso ao formulário Intro à Videoarte:

<https://docs.google.com/forms/d/12WJwsqZ9TjM1dRXkDF2gUWkFUu6nbX0qB2P2hXJeCZ8/edit?usp=sharing>

Questões:

1. Sabe o que é videoarte? Conseguiria diferenciar de outras formas de produção audiovisual?

D.: “Não tenho certeza do que é, só conheço audiovisual!”

H.: “Não sei.”

M.: “Não.”

2. Qual modalidade de audiovisual tem consumido com mais frequência?

- YouTube (tutoriais, aprendizado, entretenimento, videoclipes, etc) - D. e H.;
- Streaming (filmes e séries) - D.;
- Redes sociais (IGTV, Reels, TikTok, stories, memes, etc.) - D. e M..

3. Qual sua forma favorita de assistir a filmes?

- Cinema e salas de projeção;
- Canais da televisão aberta;
- Streaming e assinatura - M.;
- Download e disponíveis na internet gratuitamente - D. e H.;
- DVD, Blu-Ray ou VHS.

4. Cite 3 canais do YouTube que tem acompanhado.

D.: "TED-ed, TwoSetViolin e Descomplica."

H.: "Nerdologia, Pirulla, ciência todo dia."

M.: "Diva depressão, SAC DEP SPA, A gente faz agora."

5. Quais os últimos 3 filmes que assistiu?

D.: "Liz and The Blue Bird, Orgulho e Preconceito, King Kong".

H.: "Orgulho e Preconceito, Uma Segunda Chance para Amar, De Volta para o Futuro."

M.: "Fragmentado, Rocketman, Maze Runner."

6. Qual o último filme brasileiro que assistiu?

D.: "Bacurau".

H.: "O Auto da Compadecida".

M.: "Bicho de Sete Cabeças".

7. Já produziu ou participou de algum conteúdo audiovisual para a internet? Se já, descreva o que foi e como foi a experiência.

D.: "Já fiz alguns vídeos para um canal do YouTube mas foi edição básica, para ficar interativo.

Fiz um trabalho escolar sobre o livro A Metamorfose no estilo animação e gostei muito, por mais que tenha demorado bastante pra ficar pronto.

Editei alguns clipes para a escola também, mas foi mais demorado no compor e editar a música no que juntar os vídeos, mas demorou bastante também."

H.: "Não participei."

M.: "Participei do filme "O cachorro preto"; foi uma cena curta, e talvez por isso eu e os outros atores que estavam nela não recebemos muita orientação. O filme está no YouTube."

H. complementa e diz que já participou de vídeos documentais, mas nunca teve a experiência de filmar;

D. espera que façamos um filme até o final.

Atividade para a semana:

Questões sobre os vídeos do YouTube - Analisar a relação entre as pessoas e os cenários dos vídeos escolhidos

- 1) As ações realizadas pelas pessoas nos vídeos parecem naturais/improvisadas, encenadas/coreografadas ou reativas a estímulos (comandos, imprevistos ou por conta de outra ação que está acontecendo)?
- 2) Os ambientes de cada produção são necessários para o que está acontecendo? São cenários originais ou foram preparados, montados para isso?
- 3) Modificaria algo na(s) pessoa(s), no ambiente ou na ação registrada no vídeo?

Encontro 2

15.03 – Exposição de referenciais + análise de vídeos do YouTube.

Apresentação do material Videoarte e Videoinstalação, exibindo seleção de artistas de diferentes países e suas obras que se configuram como trabalhos do título. Assim como no encontro anterior, as estudantes também sentiam-se à vontade para comentar.

Link para acesso à apresentação Videoarte e Videoinstalação:

https://docs.google.com/presentation/d/1Zgk6F9pWCys7_A7NOObolh07Bxqi8IrdNYMAETYdxl0/edit?usp=sharing

Ao ver a videoinstalação *Rio Videowall*, H. associa a composição do trabalho com o design do feed do Instagram;

Durante o encontro, D. acompanhava a apresentação fazendo croché;

H. vê a obra *Up There* e recorda-se das séries de documentário científico *Cosmos* (1980 e 2014).

Comentários sobre as respostas das perguntas respondidas durante a semana anterior após assistirem e escolherem 3 dos 12 vídeos da playlist Seleção Videoarte 2021 no YouTube.

Vídeos sugeridos:

- A Saída da Fábrica (1895);
- Viagem à Lua (1902);
- O Espantalho (1920);
- Pedaco para Cortar (1964);
- Gestos (1973);
- Global Groove (1973);
- Tenho Fome, Tenho Frio (1984);
- Head (1993);
- Ever is Over All (1997);
- Terror no Tatuapé (2009);
- Buruburu (2010);
- Lavagem-Teste (2020).

Link para acesso à playlist Seleção Videoarte 2021:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLqNDABCAE6BOMcSYJS_9dKeCVL-lwcSvr

Vídeos escolhidos:

D.: *Pedaco para Cortar* (1964), *Head* (1993), *Buruburu* (2010).

H.: *Viagem à Lua* (1902), *Global Groove* (1973), *Lavagem-Teste* (2020).

M.: *O Espantalho* (1920), *Ever is Over All* (1997), *Buruburu* (2010).

Perguntas:

1. As ações realizadas pelas pessoas nos vídeos parecem naturais/improvisadas, encenadas/coreografadas ou reativa a estímulos (comandos, imprevistos ou por conta de outra ação que está acontecendo)?

D.: *Pedaço para Cortar* - “Imprevisto”; *Head* - “Planejado”; *Buruburu* - “Movimentos planejados”.

H.: *Viagem à Lua* - “Foi programado ou improvisado? Cientistas pareciam filósofos”; *Global Groove* - “Clipe de música ou dança com música ligada? Algo pensado, coreografia pensada”; *Lavagem-Teste* - “O que significa? Carla do nada! (moça de toalha). Ações naturais”.

M.: *O Espantalho* - “Encenado, meio Chaplin”; *Ever is Over All* - “Gostei da mulher batendo no carro! Reativo a estímulos e comando de outras pessoas na cena”; *Buruburu* - “Encenado”.

2. Os ambientes de cada produção são necessários para o que está acontecendo? São cenários originais ou foram preparados, montados para isso?

D.: *Pedaço para Cortar* - “Cenário original”; *Head* - “Cenário importa no contexto”; *Buruburu* - “Cenário planejado”.

H.: *Viagem à Lua* - “Ambiente criado e incrível para a época! não mudaria o cenário: passou a ideia que o público pensava. ‘Lua ter a sua própria lua’. Lembrou a vinda dos portugueses ao Brasil...”; *Global Groove* - “Computação gráfica e efeitos de luz. Gostei do uso de cores”; *Lavagem-Teste* - “Cozinha do nada! Cenário natural”.

M.: *O Espantalho* - “Casa montada para aquilo”; *Ever is Over All* - “Cenário necessário e original, cidade original, mas carros preparados para serem quebrados”; *Buruburu* - “Fundo montado”.

3. Modificaria algo na(s) pessoa(s), no ambiente ou na ação registrada no vídeo?

D.: *Pedaço para Cortar* - “Mudar a interação e a postura do público”; *Head* - “Não mudaria. Assisti jantando, péssimo!”; *Buruburu* - “Não mudaria. Conforme o entendimento do público”.

H.: *Viagem à Lua* - “Não mudaria!”; *Global Groove* - “Não mudaria. Ainda estou tentando entender... Amei a música!”; *Lavagem-Teste* - “(...)”.

M.: *O Espantalho* - “Não mudaria nada no vídeo”; *Ever is Over All* - “Não modificaria”; *Buruburu* - “Não entendi a questão da religião. Não mudaria”.

Atividade da semana:

Assistir aos vídeos das 5 sugeridas e escolher 2. Não são vídeos específicos, mas sim as contas, considerando o estilo e a técnica de cada artista. A partir das escolhas, vão buscar uma conta diferente também do Instagram que tenha vídeos artísticos postados. Critério de escolha: que nos vídeos de cada conta tenha algo relacionado a vida atual de vocês, assim como a conta e a vida da pessoa artista que procurarem.

Encontro 3

22.03 – Como e o que filmar em casa + análise de vídeos do Instagram.

Conversa informal sem apresentação de slides sobre possibilidades e dicas para usar o ambiente disponível, luz, captação de som e filmagem com celular. Noções básicas para experimentar nos exercícios da próxima semana.

A seguir, abrimos os comentários sobre as 5 contas do Instagram de artistas que exploram a linguagem performática em seus vídeos. Cada estudante poderia escolher até 2 para comentar e, a partir disso, buscar na mesma rede social outra conta de artista que explorasse a videoarte.

Contas sugeridas:

- Flora Negri (Brasil) - @floravnegri;
- Jan Hakon Erichsen (Noruega) - @janerichsen;
- Jonathon Black (EUA) - @jonathon.black;
- Kristin (Alemanha) - @unicornland_where;
- Veronika Raoul (Reino Unido) - @veronika_raoul.

Contas escolhidas:

D.: Flora Negri - “Narração. Poema da natureza. Clima conceitual”, Veronika Raoul - “Faz looping distorcendo a realidade. Preso para sempre! Ilusões de ótica”;

H.: Flora Negri - “Vídeos prontos e making of. Cores e direção de arte pensadas”;

M.: Kristin - “Alucinação”, Veronika Raoul - “Efeito e manipulação. ‘O mar inteiro em nossa mão’”.

Contas buscadas:

D.: Michel Liguori (Itália) - @michel.liguori - “Usa atores e investe nas produções. Ângulos variados e cores psicodélicas. Poesia performática. Críticas dramatizadas e estéticas. Crítica e denúncia. Contexto por imagem. Talvez, publicidade...”;

H.: Animals GeoLife (mundo todo - comunidade) - @animals_geolife - “Filmagem da vida selvagem. Vídeos curtos. Registros naturais”;

M.: Saul Allerton (Reino Unido) - @saultybunyans - “Flagras do cotidiano. Eventos naturais. Fotos artísticas no feed”.

Atividade para a semana:

Realizar 2 vídeos de 30s cada, bem curtos, sem precisar de edição. São 2 filmagens rápidas e sem necessidade de muita produção.

Serão duas ideias opostas relacionadas às frases a seguir: "o que me aprisiona" e "o que me liberta". Um vídeo para cada ideia. Filmar com take único, sem precisar de cortes. Caso não queira se mostrar na tela, pelo menos que a sua voz apareça.

Poderão postar no Instagram (Reels, IGTV, feed ou stories), mas sem obrigação. Apresentar próximo encontro, 1º/04.

Encontro 4

01.04 – Aplicativos para edição + conversa sobre os primeiros exercícios.

Exposição de material sobre aplicativos de edição simples de vídeos e fotos pelo celular, abrindo para intervenções das alunas ao serem questionadas. A seguir, nesse mesmo encontro, elas apresentaram os vídeos que produziram na semana anterior como exercício, relatando seus processos de filmagem e edição. Diferente das primeiras semanas, esse encontro foi realizado na quinta-feira, e não na segunda, pois uma das adolescentes não poderia participar.

Link para acesso à apresentação Aplicativos para Edição:
https://docs.google.com/presentation/d/19FJCluCuZRRXCeQX_i-cCKNWjepWhHuxmaQFWBVslpc/edit?usp=sharing

D. diz que InShot é muito usado pro Instagram. Lembra que o Windows tinha um editor com layout semelhante ao do KineMaster. Ela diz que, quanto ao áudio, pode pegar áudios do banco do aplicativo ou dos teus próprios arquivos. Elogia o VideoShow: único aplicativo que pode captar direto com áudio rodando pelo celular. VivaVideo é pré-Lomotiff (outro app). D. sugere CapCut para editar pro TikTok: legenda fácil, áudio fácil, boa resolução, sem marca d'água! A plataforma TikTok pode ser limitada pra legenda. Edição fora, em outro aplicativo. Apenas edição de áudio no TikTok.

M. fala que YouCut não deixa marca d'água, escolhendo o que quer manter ou tirar. Pode marcar ponto de corte.

D. disse que já utilizou todos os 5 aplicativos apresentados. Também usou outros: YouCut e CapCut.

M. apenas não utilizou FilmoraGo e InShot. Recomenda também o app YouCut, o qual já utilizou.

Processos de realização dos exercícios:

H.: tentou, mas não concluiu. Filmou flores, pés de fruta, cachorras. Teve preguiça para concluir e criatividade afetada. Retomou os vídeos de Flora Negri para criar. Apagou tudo!

D.: processo muito louco! Procrastinando. Passou dentro da casa e viu uma luz legal. Vídeos ficaram muito iguais. Planta: contraste - natural, (música instrumental); artificial/representação, (música eletrônica). Na tentativa das sombras houve falha. O resultado final foi por acaso. Edição: um dos vídeos foi postado no Reels do Instagram. O áudio foi baixado, mas a rede social barrou. O outro vídeo (prisão): usou filtro que simula papel, mas ainda não havia postado. Usou música do próprio editor. Expressar foi difícil. Leu um livro recente do autor indígena Ailton Krenak, A Vida não é Útil, que questiona a existência na terra, como base para montar a representação (natureza, plantas).

M.: também foi adiando. Sensação de prisão: mente, medos internos. Dificuldade para representar o que está dentro da mente, que não é físico. Usou ataduras com significado (medo excessivo, problemas que não são saudáveis). Sensação de liberdade: pensou em filmar uma organização, eliminação de tarefas cumpridas; patinação muito rápida. Levou patins e celular na vó, chamou a prima, mas choveu. Utilizou vídeo antigo do mesmo local e o utilizou para representar. Sugere a conta de Elora Raoni no Instagram com vídeos curtos.

Link para acessar os exercícios de vídeo:

https://drive.google.com/drive/folders/1IQFIF3TM_JEhSGPtWG7EnspeoGxZRFL?usp=sharing

Encontro 5

05.04 – Postagem e compartilhamento + conversa sobre o roteiro e/ou planejamento e temáticas e técnicas para o vídeo final.

Esse encontro, já se encaminhando para o fim do período de tutoria, serviu como amostragem e discussão sobre plataformas virtuais para postagem, compartilhamento e transmissão de conteúdo audiovisual. Para que as estudantes tivessem mais tempo para planejar seus trabalhos finais, visto que essa aula ficou muito próxima da anterior, solicitei que fossem organizados os roteiros das mesmas e compartilhados durante a semana pelo Google Drive.

Link para acesso à apresentação Plataformas para Publicação:

https://docs.google.com/presentation/d/1f15tGL3Dwol4A_6yVJw67D9C9QupEQcSb8LstaA04Ls/edit?usp=sharing

M.: usa apenas o YouTube para vídeos maiores. Já ouviu falar do Vimeo. Prefere vídeos curtos do IGTV. Tem IGTV, mas sem usar postar nada.

H.: conhece muito bem o YouTube por assistir a documentários. No IGTV segue muitos perfis de estudo, tipo "mini-aulas".

D.: Vimeo usou só pra ver uns musicais pirateados, pois lá não fiscalizam muito. Do YouTube gosta para ver vídeo-aula, mas prefere o IGTV por causa do formato. IGTV é mais "formatinho celular" e acha confortável porque não tem anúncio. Realmente não sabia que existiam tantas plataformas de vídeo.

Questões sobre o roteiro do vídeo final:

H. pergunta se o vídeo pode ser mudo e se ela é obrigada a aparecer. Não tem conseguido usar o notebook para digitar.

D. quer saber que diferencia um vídeo normal de um vídeo mostrando seu cachorro de forma artística. "Tipo, ver um cachorro fofinho e gravar ele pros stories."

Atividade para a semana:

Roteiro (descrição de planejamento)

- Ambientes (externo ou interno);
- Contexto (tempo meteorológico, horário do dia, período representado);
- Personagens ou elementos apresentados (aparência, composição, figurino, maquiagem, luzes, cores, texturas, decoração, etc.);
- Ação e/ou clima (emoção, atividade realizada, fenômeno em ocorrência, sensações);
- Tempo (contínuo, volta no tempo, saltos, repetição, etc.);
- Áudio (narração, fala ensaiada, fala improvisada, trilha sonora, sons ambientes, efeitos sonoros).

Tema/palavras-chave para o vídeo final de 3 a 5mins:

"Corpo. Lugar. Atitude".

Encontro 6

15.04 – Apresentação dos vídeos finais + debate sobre cada trabalho.

Chegamos ao último encontro da tutoria, já com os vídeos finais para serem apresentados. Depois de assistirmos aos trabalhos, as estudantes comentaram sobre seus processos de produção.

Encerramos esse momento falando sobre os últimos lançamentos do cinema, a

temporada de premiações e o Oscar que estava para acontecer ao fim do mês. Também conversamos sobre possibilidades de nos reencontrarmos para debater filmes assistidos por *streaming* futuramente.

Processos de realização dos vídeos finais:

H.: 'sem título - experimental'. Fez tudo no mesmo dia (roteiro, filmagem e edição). Filmou suas cachorras primeiro, depois, vídeos curtos (plantas, céu, cães). Não tinha muita ideia. Pegou tudo e juntou. Baixou InShot e usou efeito VHS (anos 70 e 80). Citando Aristóteles: "a mediana é um justo meio". Adicionou efeitos posteriores. Trilha: 'Miami'. Achou "bonitinho pôr muita coisa". Não precisaria fazer muito sentido, mas mostrou o que captou por que gosta. Não sabia se estava fugindo ou não da proposta. Achou muito legais os efeitos do aplicativo. O vídeo pode travar ao reproduzir, mas não com frequência. Reduziu o tempo de 3mins para 3:20mins. Filmou mais vídeos depois.

D.: 'Presa no Trânsito - Um Poema sobre a Vida'. O roteiro que está no Drive é bem diferente do resultado final. Primeira ideia: a partir do concerto musical, usou trechos com emoções relacionadas. Gravou fragmentos iniciais de dentro de um carro em movimento. No total, filmou 3 vídeos. Estava tremendo com o celular. Escreveu o poema dentro do carro, sobre natureza e organismos vivos. Captou a narração separada com fone de ouvido barato. Gostou da extensão do muro que aparece. Seria interessante manter o áudio ambiente original, o que aconteceu. Ao mesmo tempo, a pessoa está ouvindo o som e vendo a paisagem. Usou o CapCut para editar. Gravar o áudio foi o mais difícil, sobretudo para conversão. Usou app de microfone para converter. Transferiu o som pelo Drive.

M.: 'título a definir...'. "Zero criativo!" Não sabia o que fazer, mas tinha uma ideia inicial que não deu certo. "O que fazer?" Gravou processo de maquiagem, mesmo não achando isso artístico. Reduziu de 6mins para 2mins:45s; antes de cortar, todas as cenas originais são mais longas. Realizou caminhadas contínuas filmadas. Normalmente sempre se maquia da forma filmada, usando aqueles mesmos produtos. Gostaria de contrastar a partir dos figurinos com take "bem marcado". Desde antes da pandemia não se arrumava desse jeito. Usou YouCut para cortar e inserir trilha.

Link para acessar os vídeos finais:

<https://drive.google.com/drive/folders/11ryp-clRVdDPZQjNcydvQfAVOPT3uQo0?usp=sharing>

OBSERVAÇÕES POSTERIORES À TUTORIA

A vontade de realizar o projeto que eu estava desenvolvendo era muito forte. Não somente pelo fato de estarmos constantemente em contato com as mídias audiovisuais e todo o fascínio artístico que muitas delas nos provocam, mas também por termos recursos à disposição para arriscar algum registro ou captação a qualquer momento e onde quer que estejamos. Partindo dessas possibilidades, eu previa e esperava conseguir incentivar jovens estudantes a se permitirem experimentar e

absorver ao máximo as imersões que a arte do vídeo favorece. Apesar de quaisquer agravantes, já adianta que pude chegar mais além.

Com certa disposição e interesse considerável da parte das estudantes que convidei, notei de início que elas iriam contribuir positivamente para minha proposição, comprometendo-se com o projeto de modo satisfatório. Em todos os seis encontros as três meninas estavam presentes, mesmo que um encontro e outro fossem remarcados por uma delas não poder estar presente - e assumimos em conjunto um acordo de que participaríamos integralmente das aulas. Inicialmente iríamos nos reunir às segundas-feiras, com exceção de dois encontros que tiveram de ser remanejados para as quintas-feiras. Os encontros duraram em torno de setenta minutos durante a noite, período que pode ter sido um fator favorável ao contato.

Como relatei nas anotações da seção anterior, além da frequência assídua das alunas, suas manifestações foram constantes: abriram o microfone sendo solicitadas ou não para comentar, analisaram os referenciais expostos, compararam obras e trouxeram outros exemplos, sugeriram filmes e artistas. Enfim, fiquei contente de ver que as ocasiões de encontro remoto possibilitaram a elas ficarem à vontade e motivadas a contribuir. Realmente foi receoso anteriormente pensar que o formato remoto pudesse deixar menos natural e dinâmica a nossa correspondência. O fato de que já nos conhecíamos de algum modo estreitou nossos laços, principalmente entre elas, pois não eram próximas entre si.

As primeiras amostragens visuais de referências artísticas e o retorno das recomendações de acesso a trabalhos audiovisuais foram muito positivas. Também as reações aos materiais sobre plataformas e programas para edição e publicação trouxeram respostas satisfatórias. Parte teórica: OK. Porém, o momento prático vem na sequência e os bloqueios surgem. Dentre as atividades semanais propostas, complementando cada encontro, houve duas experimentações de audiovisual: a primeira foram dois exercícios rápidos (de trinta a sessenta segundos cada) sem muita edição para o encontro 3. A segunda foi a produção final, pensando em um projeto mais elaborado com o uso de edição (de três a cinco minutos). Ficou evidente nessa etapa como pode ser mais complexo produzir alguma manifestação artística a partir de uma demanda - e mais difícil ainda quando se é alguém que não tem a prática constante de experimentar linguagens da arte.

Das três adolescentes participantes, duas delas já tem algum contato mais frequente com alguma linguagem artística, inclusive um histórico recente de produções autorais - por acaso, foram as duas alunas que cumpriram todas as atividades. A outra estudante que, mesmo estando presente em todos os encontros e participando com muita ênfase, acabou não cumprindo uma das tarefas (os exercícios iniciais de vídeo), justificando dificuldades no processo criativo. Há várias causas que, imagino eu, possam ter interferido: das três, é a que estava focada em vestibular e ENEM. Diferente das outras duas que vivem em uma região

metropolitana, essa outra menina encontra-se em uma cidade menor, distante da capital de seu estado e com poucos expoentes culturais de expressão artística.

Constatar que nem todas as pessoas têm familiaridade com práticas artísticas é uma consequência em aulas e encontros que permitem essa exploração. Não é por existir ou não talento, ou preguiça ou receio de tentar. A maioria das vezes é por falta de contato mesmo, falta de condições do próprio meio onde se está que impossibilitam qualquer prática. E aqui estamos falando da linguagem audiovisual, talvez uma das mais limitadas em termos de acesso ainda hoje. Por mais que eu tenha buscado recursos básicos para acompanhar a proposição e realizar as tarefas solicitadas pelo aparelho celular, o mínimo que se espera é que haja formas de se utilizar esse equipamento. Independente da realidade de cada estudante, lidamos muito com a curiosidade, tanto em querer ver, quanto em querer descobrir como fazer. Certamente essa vontade primeira já conta muito, seja qual for a limitação. Gilles Deleuze diz em seu *O Ato de Criação* que “um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade” (1999, p. 06).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impossível concluir a experiência de trabalhar audiovisual na escola sem levar em conta as mudanças recentes de convívio social. Medidas e resignificação de conceitos e atualizações de hábitos tiveram de ocorrer para priorizar a saúde de todas as pessoas, no decorrer deste ano de medidas restritivas devido à pandemia Covid-19. E as consequências que ainda vivemos da atual pandemia nos obrigaram a repensar o bem-estar, a sensibilidade e a saúde mental de quem foi abalada/o nesse contexto. Portanto, percebemos que, dentre tantas atividades consideradas essenciais, as diversas formas de arte foram fundamentais para ajustar e suavizar esse nosso novo modo de viver.

Ao falar de vida em sociedade, logo remete-se a práticas realizadas coletivamente, em locais ou instituições que congreguem mais de um indivíduo em espaços específicos. Apenas nesse trabalho de conclusão trazemos dois ambientes que historicamente dependem da coletividade: a escola e o cinema - ambos locais onde sujeitos e sujeitas se dirigem para aprender, entreter-se e socializar. A questão é que agora esse deslocamento presencial está comprometido, mas, para compensar tal impedimento e evitar riscos, sabe-se que medidas remotas foram estruturadas para ajustar esses hábitos. Nessa contextualização, eu me vi fadado a ajustar minha proposição de produção audiovisual para o formato virtual.

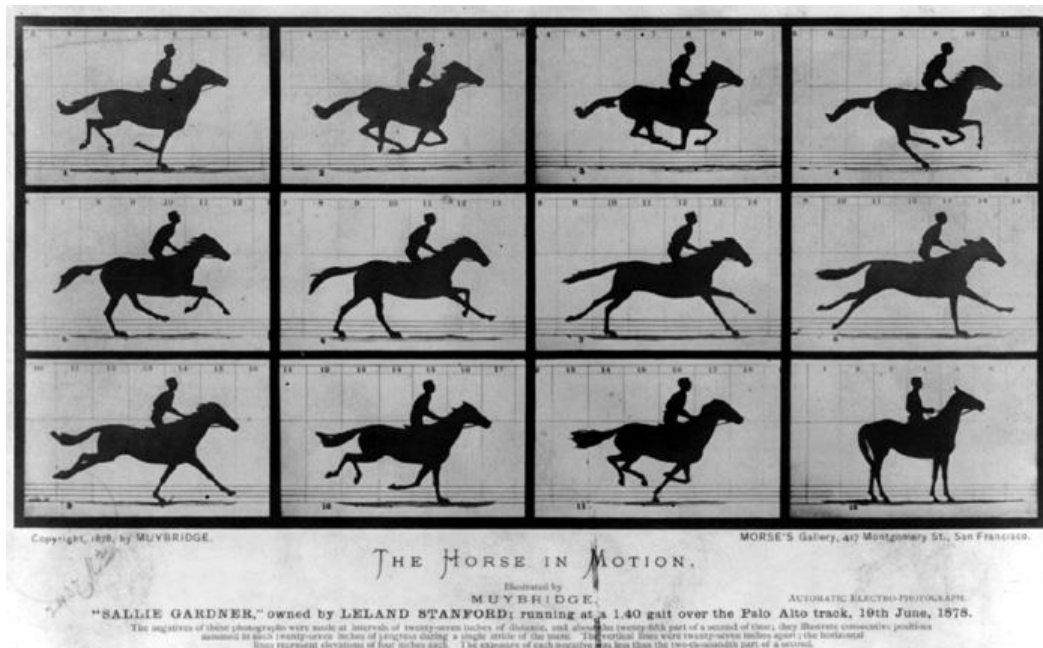
Tendo meu planejamento de estágio adequado para o modo remoto, constatei que o acesso a conteúdos relacionados à proposta de arte audiovisual passam a ser otimizadas pela acessibilidade digital. Cada vez mais tem-se um melhor e mais frequente contato com as mídias cinematográficas, sejam elas curtos anúncios

publicitários, produções dinâmicas de entretenimento e viralização ou ainda, é claro, longos filmes com enredos envolventes. Além de 'professor', muito me considerei público com essa oportunidade, e reconhecer essa posição também nas adolescentes participantes da minha proposta define como é valioso ter o acesso a inúmeras maneiras de consumir e produzir arte de áudio e vídeo. Independente haver ou não uma sala de cinema na nossa cidade, hoje, mais do que nunca, podemos assistir a filmes de onde estivermos, graças à *internet* (tendo ela à disposição).

Poder entregar um pequeno projeto de ensino de arte cinematográfica no ensino médio é importante para mim, pois vi despertar um olhar mais conceitual e estético sobre essa linguagem a partir do ingresso à graduação em artes visuais. Considero todo esse processo como uma fase de aprofundamento pessoal, pois somos instigados durante todo o curso a trazer aspectos próprios e interesses particulares as nossas produções. Com isso, também pude identificar descobertas ao propor práticas em audiovisual a estudantes na adolescência, período repleto de transformações que constroem a identidade de cada pessoa. Assim como a produção de um filme, que se inicia, se desenvolve, termina e pode render continuações, a vida de cada um(a) é imprevisível, mas certamente segue um roteiro aberto a modificações.

ANEXOS: REFERENCIAIS ARTÍSTICOS

Seleção de imagens e *frames* dos vídeos que pretendo exibir como referenciais audiovisuais para as/os alunas/os:



Eadweard Muybridge. *The Horse in Motion - Sallie Gardner at a gallop* (O Cavalo em Movimento - Sallie Gardner galopando). 1878. Cartão *cabinet* com 12 eletrofotografias automáticas, preto e branco. Library of Congress Prints and Photographs Division.



Auguste e Louis Lumière. *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon* (A Saída da Fábrica Lumière em Lyon) - *frame*. 1895. 35mm. Mudo, preto e branco. 1 min. Domínio público.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=J1EdyZtkGXo&list=PLgNDABCAE6BOMcSYJS_9dKeC_VL-lwcSvr (3 versões).



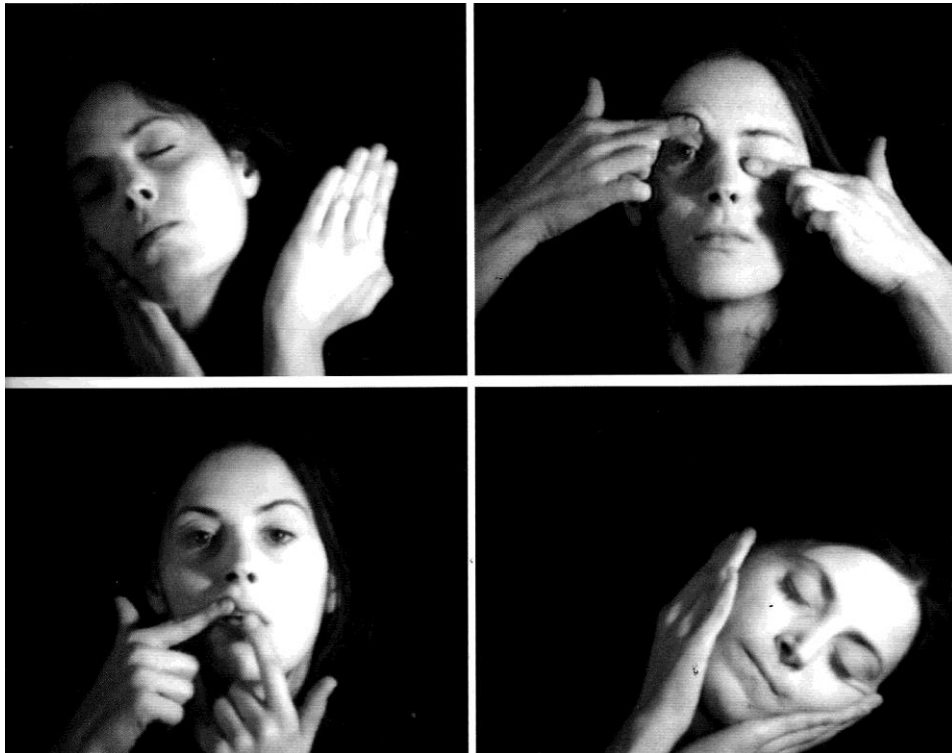
Georges Méliès. *Le Voyage dans la Lune* (Viagem À Lua) - frame. 1902. 35mm. Mudo, preto e branco. 15 mins (versão popular; durações variáveis). Domínio público.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZNAHcMMOHE8>.



Buster Keaton, Edward F. Cline. *The Scarecrow* (O Espantalho) - frame. 1920. 35mm. Mudo, preto e branco. 19 mins. Domínio público.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yo8F-qWM45M>.



Yoko Ono. *Cut Piece* (Pedaço para Cortar) - frame de registro. 1964. Performance. MoMA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcR6ld1I8M0> (registro de performance).



Hannah Wilke. *Gestures* (Gestos) - miniaturas de frames. 1973. Vídeo, preto e branco, som. 35 mins:30s. MoMA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fpoqCMdiGKc&t=18s> (versão reduzida).



John Godfrey, Nam June Paik. *Global Groove - frame*. 1973. Vídeo, cor e áudio. 30 mins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7UXwhlQsYXY> (versão reduzida).



Chantal Akerman. *J'ai faim, J'ai froid*. (Tenho fome, Tenho frio) - *frame*. 1984. Áudio e vídeo (mono), 35mm, preto e branco. 13 mins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74jCOMxzQ-M>.



Cheryl Donegan. *Head (Cabeça)* - *frame*. 1993. Vídeo, som e cor. 2 mins:55s. MoMA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A-egW-umzM&t=45s>.



Pipilotti Rist. *Ever is Over All (Sempre é Sobre Tudo)* - *frame*. 1997. Vídeo instalação, cor, som. 4 mins:7s. MoMa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-qd06ukX-rU> (versão extendida).



Dora Longo Bahia. Terror no Tatuapé - *frame*. 2009. Vídeo. 16 mins:45s.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkv5up9wXrw> (legendado).



Ayrson Heráclito. Buruburu - *frame*. 2010. Videoinstalação. 2 mins:30s. Associação Cultural Videobrasil.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5o717yx2WJw> .



Nene Talian. Lavagem-Teste - *frame*. 2020. Vídeo, som e cor. 1 min:13s.
Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=lavagem-teste .

ANEXO: CRONOGRAMA DE ESTÁGIO III

Etapas/meses	J	F	M	A	M	J
Disciplina de Estágio III		X	X	X	X	
Elaboração de Guia Didático			X			
Preparo de Material Didático			X	X		
Aulas da Tutoria			X	X		
Redação do Relatório das Aulas				X	X	
Complementação do TCC					X	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs.). *A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

DELEUZE, Gilles. *O Ato de Criação*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1999.

DUBOIS, Philippe; SILVA, Mateus Araújo (tradução). *Cinema, vídeo, Godard*. Coleção cinema, teatro e modernidade. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERNANDES, Adriana Hoffmann; GARCIA, Pedro Benjamin. *O cinema como formação: a escola como mediadora da relação entre jovens e filmes*. In: Cinema,

educação e seus processos de formação. Revista ETD, Campinas - v. 19, n. 2, 2017.

MARTINS, Alice Fátima. *Catadores de Sucata da Indústria Cultural*. Rio de Janeiro: FUNAPE/UFG, 2013.

MARTINS, Alice Fátima. *Sobre aprender com o cinema*. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 10, n. 2, p. 6-16, maio/agosto 2017.

MARTINS, Alice Fátima; SATLER, Lara Lima. *Do ensaio fílmico ao aprender ensaiando: notas para uma pesquisa em audiovisual*. ALCEU - n.29, p. 139-156, julho/dezembro 2014.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: política, cinema e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sergio Luiz Pereira da. *O Cinema, A Educação e A Construção de um Imaginário Social Contemporâneo*. Educ. Soc., Campinas - v. 35, n. 127, p. 607-616, abril/junho 2014.

RUSH, Michael; NASSER, Cássia Maria (tradução); MICHAEL, Marylene Pinto (revisão). *Novas Mídias na Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIDADE DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO
NO LUME - REPOSITÓRIO DIGITAL DA UFRGS**

Uso interno

Nº de sistema SABI:

1 Identificação do autor e do documento

Nome completo: Gabriel Talian da Silva

RG: 1111532147 CPF: 863.837.100-44

E-mail: gabrielnenetalian@gmail.com Telefone: (51) 92003-0746

Curso de Graduação: Licenciatura em Artes Visuais

Nome do orientador: Aline Nunes da Rosa Data da apresentação: 27/05/2021

Título do documento: Construção, movimento e registro: autoformação através da produção audiovisual

Conceito final: A

2 Disponibilização no Lume - Repositório Digital da UFRGS

Autorizo a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, no Lume - Repositório Digital da UFRGS para fins de leitura e/ou impressão pela Internet:

X De imediato ou A partir de / / (no máximo até dois anos após a data da apresentação)

Não autorizo. Justificativa (preenchimento obrigatório):

Gabriel Talian da Silva
Assinatura do Autor ou seu representante legal

Aline Nunes da Rosa
Assinatura do Orientador .

Porto Alegre , 12/06/2021
Local Data

OBS.: Este termo deve ser preenchido utilizando o Adobe Reader ou Foxit Reader. Recomenda-se o uso do [Certificado Digital ICPEdu – Pessoal](#) para a assinatura. Durante o período de suspensão das atividades presenciais na UFRGS, em virtude da pandemia, a assinatura do orientador é facultativa.

Em caso de dúvida, consulte a biblioteca de sua Unidade.

Campo de uso exclusivo da Biblioteca

COMPROVANTE DE ENTREGA DO DOCUMENTO NA BIBLIOTECA SETORIAL

Em: 12/06/2021

Carimbo e assinatura

Maio/2021